

Crime, segurança pública e desempenho institucional em São Paulo

Relatório sobre unidades prisionais em São Paulo, Brasil:
perfis gerais, contexto familiar, crimes, circunstâncias do
processo penal e condições de vida na prisão

Data:
Novembro de 2013

Coordenadores do projeto:
Marcelo Bergman / José de Jesus Filho / Gustavo Fondevila / Carlos Vilalta



**Universidad Nacional
de Tres de Febrero**

**Crime, segurança pública
e desempenho institucional em São Paulo.**

Relatório sobre unidades prisionais em São Paulo, Brasil: perfis gerais, contexto familiar, crimes, circunstâncias do processo penal e condições de vida na prisão.

Quantidade de páginas: 48

Dimensões da publicação: 21 x 29,7 cm.

Esta publicação foi produzida no âmbito do projeto internacional de pesquisa sobre populações carcerárias na América Latina, conduzido por Marcelo Bergman publicación (Argentina), Gustavo Fondevilla (México) e Carlos Villalta (México). O presente documento apresenta os principais resultados deste projeto: Presos de São Paulo: Perfil Geral, Contexto Familiar, Delito, Processo Penal e Condições de Vida na Prisão.

Redação: Centro de Estudios Latinoamericanos sobre Inseguridad y Violencia, CELIV, Universidad Nacional de Tres de Febrero - em colaboração com José de Jesus Filho (Pastoral Carcerária do Brasil e doutorando da Fundação Getúlio Vargas).

Endereço: Santa Fe 830 Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

Tel: 54 11 4312-4312

Design gráfico: Natalia Laclau

Impresso: Este relatório foi impresso em Buenos Aires - Argentina - pela gráfica contratada pela Universidad Nacional de Tres de Febrero - Artes Gráficas Grella, em março de 2014. No texto do relatório foi utilizada a fonte Gotham, em corpo 11, com espaçamento de 13.2 pontos.

Índice

Agradecimentos	5
Introdução	7
Resumo	9
1• Perfil demográfico e socioeconômico	11
2• Contexto familiar: idade adulta e infância	16
3• Crimes: tipos, circunstâncias e danos às vítimas	21
4• Circunstâncias da prisão e processo penal	28
5• Condições de vida e estado de saúde nas prisões	35
Considerações finais	41
Anexo metodológico: informação e estratégia analítica	43



Agradecimentos

A realização deste estudo foi possível graças ao apoio desinteressado de muitas instituições e pessoas que dedicaram esforços, recursos e tempo para o seu êxito.

Em primeiro lugar, desejamos agradecer às autoridades do estado de São Paulo por apoiar e disponibilizar recursos para a realização das entrevistas. Agradecemos especialmente ao Secretário de Administração Penitenciária, Dr. Lourival Gomes, e ao Comitê de Ética, particularmente nas pessoas de Rosalice Lopes e sua secretária Cristiane Toledo, que avaliou e aprovou a realização do projeto, assim como agradecemos também a Laura Flichman e a Marcelo Anceloti.

Desejamos agradecer especialmente ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP) e à Universidade Nacional de Tres de Febrero (UNTREF) que financiaram a execução da pesquisa, e à Fundação Getulio Vargas por disponibilizar o apoio logístico e material necessário para a condução dos trabalhos.

Igualmente desejamos agradecer aos diretores das unidades prisionais e a todos os agentes penitenciários por nos facilitar o acesso e garantir acomodações para a realização das entrevistas. Agradecemos também aos juízes, que gentilmente concederam as autorizações.

Uma longa lista de colaboradores participaram das distintas etapas de planejamento, execução e análise das entrevistas. Aqui cabe uma especial menção a Diego Masello, quem conduziu parte da pesquisa e redigiu o relatório final, a Fernando Larrosa e Fernando Larrañaga, os quais coordenaram o trabalho de campo, e Ivanna Travaini, que colaborou da Argentina.

Desejamos agradecer especialmente o apoio do excelente grupo de estudantes paulistas que colaboraram na execução desta pesquisa. São eles: Thamara Caroline Strelec, Lais Denubila, Viviane Cantarelli, Natalie Endo Kabakura, Bruno Fabiano Novo Hiche, Catherine Rojas Merchán, Rafael Tartaroti, Luiza Reis Teixeira, Maíra Coutinho Teixeira, Fernanda De Deus Diniz, Raissa Zago Leite Da Silva, Raissa Alonso Capasso Da Silva, Fabio Pereira De Andrade, Luis Henrique Correa Do Amaral, Eros Nascimento, Melina Rombach, Victor Duarte Martins, Martha Iaia Cajueiro Dos Santos, Patricia De Medeiros, Andrea Medeiros, Claudia De Medeiros, Adalberto Ri-

beiro Do Sacramento, Maria Do Carmo Meirelles Toledo Cruz, Jainaina Soares Gallo.

Finalmente, queremos agradecer em especial aos mais de 750 presos e presas das prisões de São Paulo que responderam desinteressadamente à pesquisa. Sua participação e seu tempo, ainda que sem saber, certamente vão contribuir para a compreensão dos problemas pelos quais eles e elas, e milhares de pessoas mais, passam nas prisões do estado. Talvez com suas respostas ajudem, ainda que modestamente, a melhorar as condições de seus pares. A todos eles e a muitos outros que deveriam estar aqui mencionados, muito obrigado. ▲

Introdução

O presente relatório é parte do projeto internacional de pesquisa “*Poblaciones Carcelarias en Latinoamérica*”¹, conduzido pelos pesquisadores Marcelo Bergman (Argentina), Gustavo Fondevila (México) e Carlos Vilalta (México). O projeto comparativo tem como objetivo estudar, científica e empiricamente, os fatores de risco criminal e os aspectos institucionais da população carcerária na região. Baseou-se na compilação e análise, com padrões científicos, de entrevistas com indivíduos e dados provenientes de registros administrativos dos sistemas de Segurança e Justiça em diferentes países.

Na primeira fase foram estudados os seguintes países da região:

- Argentina (Sistema Penitenciario de la Provincia de Bs. As.), abarcando a Província de Buenos Aires
- Brasil, abarcando o Estado de São Paulo
- Chile, abarcando as regiões de Valparaíso, Metropolitana e Bio Bio
- El Salvador, abarcando o sistema penitenciário em nível nacional
- Peru, abarcando o sistema penitenciário em nível nacional
- México, abarcando o estado do México e o Distrito Federal (DF)

Em particular, neste relatório são descritos e analisados os principais resultados do questionário aplicado à população presa condenada no estado de São Paulo, Brasil. Além disso, ao longo do texto, em uma série de indicadores relevantes, serão apresentados os resultados comparativos de outros países onde a informação é igualmente relevante. ▲

¹ ‘Populações carcerárias na América Latina’ (NdT),



Resumo

Resultados mais importantes derivados do estudo:

- A maioria das pessoas presas são jovens entre 25 e 29 anos.
- Dos presos em idade adulta, a média é de 34 anos para os homens e 33 anos para as mulheres.
- Aproximadamente 30% dos entrevistados não trabalhavam antes da prisão. Do grupo dos que trabalhavam, as ocupações mais recorrentes foram: empregado em empresa privada (33.9%) e autônomos (32.8%).
- Apenas uma minoria (6.5%) pertenceu às forças armadas e/ou à polícia. Nos outros países estudados esta proporção é maior.
- Cerca de 70% dos entrevistados têm filhos.
- Um quarto dos entrevistados (26.8%) fugiu de casa pelo menos uma vez antes de completar 15 anos. Entre aqueles que fugiram, a violência familiar foi o motivo mais recorrente (35.5%).
- O consumo de álcool pelos pais ou adultos que moravam com os entrevistados, quando estes eram crianças, é muito elevado: 47,2%. Por sua vez, o consumo de drogas pelos pais ou adultos que moravam com os entrevistados quando crianças foi de 6.4%
- Cerca da metade dos entrevistados (48.3%) teve um membro da família na prisão durante sua infância. O Brasil destaca-se neste aspecto por ter uma porcentagem bastante alta comparada com as dos outros países da região.
- Da mesma forma, quase metade dos entrevistados (49,4%) já foi condenada por outro crime previamente, ou seja, a metade dos presos nas prisões de São Paulo é oficialmente reincidente.

- Dois em cada cinco dos entrevistados (37.9%) foram acusados de portar uma arma de fogo durante o crime pelo qual estão presos.
- Um em cada cinco entrevistados (19.7%) relatou que pelo menos uma vítima sofreu ferimentos.
- 38.9% admitiram ter consumido alguma substância psicotrópica (álcool ou droga) pelo menos 6 horas antes do crime.
- A maioria (62.6%) acha que podia ter evitado ir para a prisão se tivesse dinheiro ou influências. Da mesma forma, 31.8% relataram que a polícia pediu dinheiro ou pertences.
- Aproximadamente dois em cada cinco (44.4%) foram agredidos ou fisicamente forçados a fazer declarações ou mudar o seu depoimento.
- Durante o processo, só uma pequena minoria dos entrevistados conseguia entender muito (13.5%) ou mais ou menos (14.7%) do que estava acontecendo nas audiências. A maioria entendia pouco ou nada das audiências e do processo judicial.
- Existem variações significativas na duração dos processos de acordo com o tipo de crime pelo qual foram condenados. Os condenados por homicídio doloso tiveram os processos mais longos (média de 24,9 meses) e aqueles condenados por furto/furto qualificado tiveram os processos mais curtos (média de 8.8 meses).
- As condições de vida nos presídios são ruins. A maioria declarou não ter suficiente água para beber (58.4%), 28.6% foram roubados nos últimos seis meses, 4.7% foram agredidos nos últimos seis meses, e 41.3% disseram não receber atenção médica quando adoecem.
- Só 6% admitiram serem membros do PCC ou de uma facção/gangue no presídio. É possível que muitos dos demais aceitem a liderança de uma facção, mas sem pertencer a ela ativamente.

A síntese apresentada é suficientemente esclarecedora de uma variedade de fatores criminógenos que se desenvolvem na infância e na adolescência dos entrevistados. Esses fatores deveriam ser atendidos por políticas de prevenção social e comunitária, assim como por políticas sociais em seu conjunto.

Igualmente, também se infere um conjunto de aspectos institucionais problemáticos no sistema de segurança e justiça que precisam ser levados em conta com urgência a fim de melhorar as condições de vida nas prisões de São Paulo e garantir melhores condições para a progressão de regime dos presos.

1• Perfil demográfico e socioeconômico

Neste capítulo se analisam um conjunto de indicadores relativos às características sociodemográficas dos entrevistados. Esses se referem aos diferentes grupos etários e de gênero em geral e em função dos crimes cometidos, aos níveis de educação formal alcançados pelos entrevistados, e ao passado de trabalho que tinham antes de serem presos.

Começando com os indicadores relativos à idade e gênero, observa-se por um lado que mais de 45% têm menos de 30 anos e 66% têm até 35 anos. Em consequência, a população é em sua maioria jovem. Convém assinalar que esta incidência de população jovem, ainda que com variações, é uma característica observada nos outros países estudados.

No tocante ao gênero, deve-se notar que em todos os lugares onde foi realizado este trabalho a proporção de mulheres é minoritária em relação aos homens, alcançando uma incidência de aproximadamente 5%.

Por outro lado, as diferenças em função do gênero se observam significativamente segundo o tipo de crime pelo qual foram condenados os entrevistados. Como mostrado no quadro a seguir, enquanto 41% dos homens foram condenados por roubo, a porcentagem é de 18% para as mulheres. Em contrapartida, cerca de dois terços das mulheres foram condenadas por porte ou tráfico de drogas ilícitas, e esta porcentagem é de apenas 28% dentro do grupo dos homens.

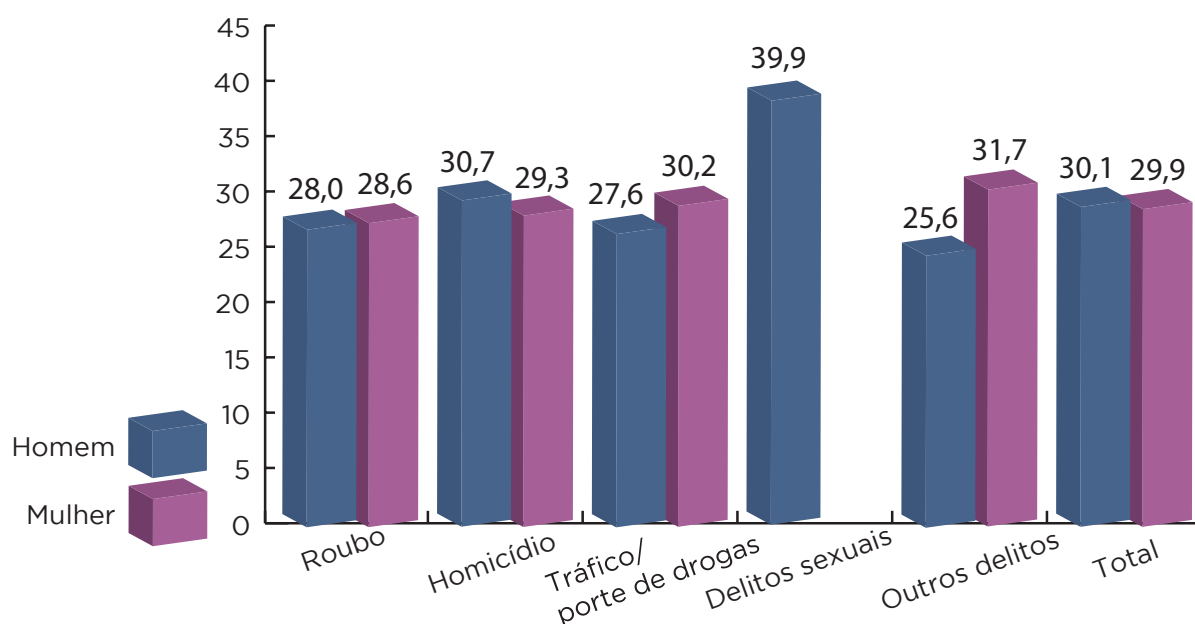
Tabela 1. Tipo de crime de acordo com o gênero

Tipo de crime cometido	Homem	Mulher	Total
Roubo	41%	18%	40%
Homicídio	11%	8%	11%
Porte e tráfico de drogas	28%	66%	30%
Crimes sexuais	17%	- -	16%
Outros crimes	4%	8%	4%

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Outra comparação relevante é a média de idade no momento da prisão segundo o tipo de crime e o gênero. Para os crimes mais comuns entre a população carcerária de São Paulo², observa-se que a média é de cerca de 30 anos, exceto para os condenados por crimes sexuais, os quais distorcem as médias, pois muitos dos presos por estupro, pedofilia e outros são homens mais velhos. Ainda que se evidenciem algumas diferenças por gênero em outros crimes, estas não são significativas.

Gráfico 1. Idade média no momento da prisão segundo o gênero e o tipo de crime cometido

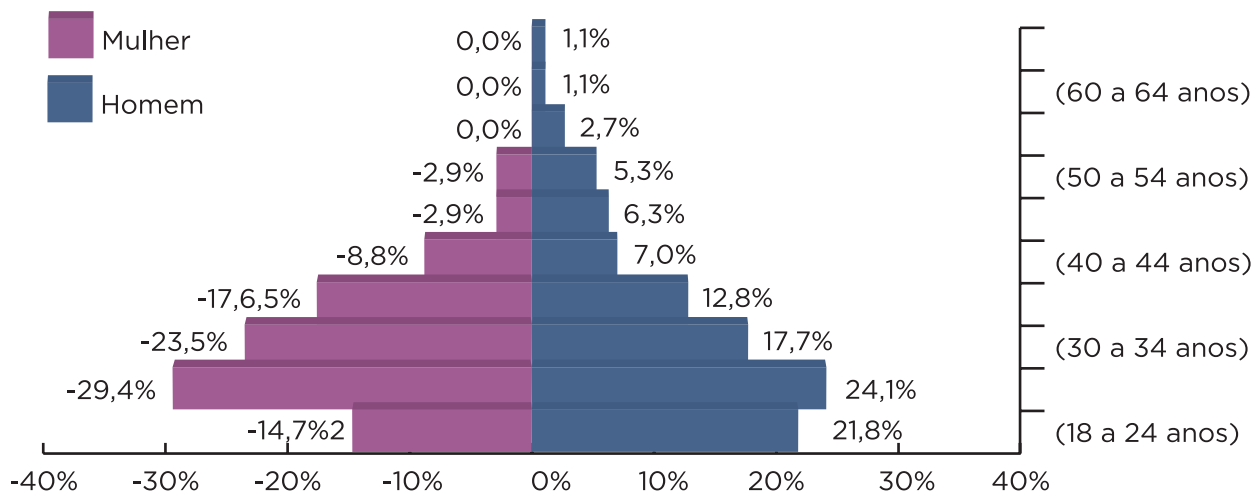


Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

A pirâmide etária mostra de forma indireta o que foi previamente observado em relação às médias de idade. A maior parte dos presos está no grupo dos 25 a 29 anos, mas no caso dos reclusos de sexo masculino, esta distribuição é mais dispersa entre os diferentes grupos quinquenais de idade. As mulheres tendem a se concentrar principalmente abaixo dos 34 anos. Não obstante, é marcante a alta porcentagem de homens presos com menos de 24 anos.

² Os crimes mais comuns são roubo, porte e tráfico de drogas ilícitas, crimes sexuais, furto/ furto qualificado e homicídio doloso (Nesta ordem, seção 4 desse relatório).

Gráfico 2. Pirâmide etária

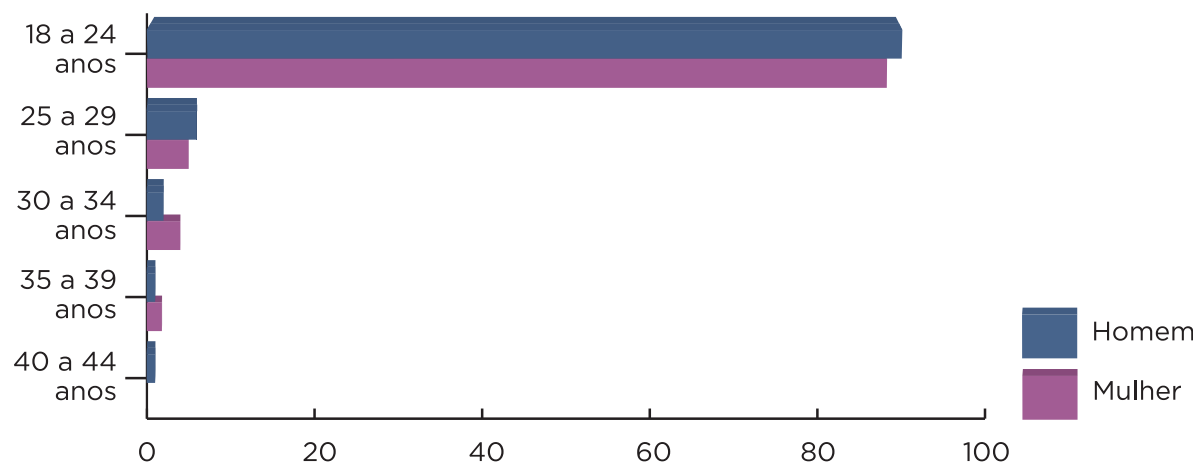


Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Finalmente, tendo em vista a idade, no momento da prisão segundo o gênero dos entrevistados, se evidencia que para ambos os grupos está abaixo dos vinte anos, o que demonstra perfeitamente que a trajetória delitiva é importante para cada um dos entrevistados. A maioria deles foram presos muito cedo na vida.

Esta é uma conclusão importante que apresenta a trajetória no crime dos presos. Quase todos foram presos muito jovens, e, como é sabido pela literatura criminológica, aqueles que entram numa trajetória criminosa muito cedo, demoram vários anos para sair (quando saem). Isso exige que as intervenções para prevenir crimes sejam feitas precocemente.

Gráfico 3. Idade no momento da prisão de acordo com o gênero do entrevistado



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

No que tange à educação, tanto em São Paulo quanto nos outros países analisados, se observa uma forte homogeneidade. A maioria não conseguiu finalizar o ensino médio e a porcentagem de entrevistados que não terminaram o ensino fundamental é elevada (entre 15% para o caso mexicano até 42% dentro dos entrevistados chilenos).

Tabela 2. Nível de educação dos entrevistados. Resultados comparados

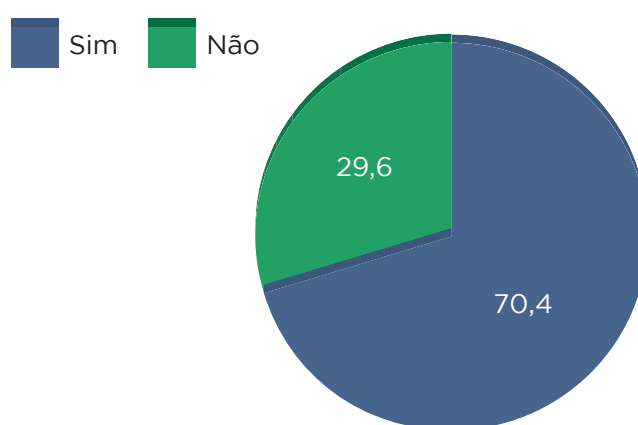
	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
% que não terminou a primária (**)	23,8	15,2	24,8	38,1	--	42,1
% que não terminou 9 anos de escolaridade(*)	--	51,1	62,9	68,6	61,7	--
% que não terminou 12 anos de escolaridade	84,7	85,9	87,1	87,3	83,7	84,5

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo – Resultados comparados.

* Não se aplica para a Argentina. | ** Não se aplica para o Brasil.

Com relação ao número de detentos que trabalhavam no mês antes de serem presos pelo crime que os condenou, observamos que 70,4 % dos presos realmente tinham algum trabalho ou ocupação.

Gráfico 4. No mês anterior à prisão, você trabalhava?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Comparando a situação ocupacional entre os diferentes países avaliados, verifica-se que a maioria tinha uma profissão antes de ser preso, independentemente do país analisado. Fica também evidente que uma boa parte dos entrevistados começou a trabalhar em uma idade muito precoce, antes dos 15 anos de idade e até mesmo antes dos 9 anos. São Paulo, nesta amostra, é o caso que registra a média de idade de presos que começaram a trabalhar mais cedo (13,8 anos).

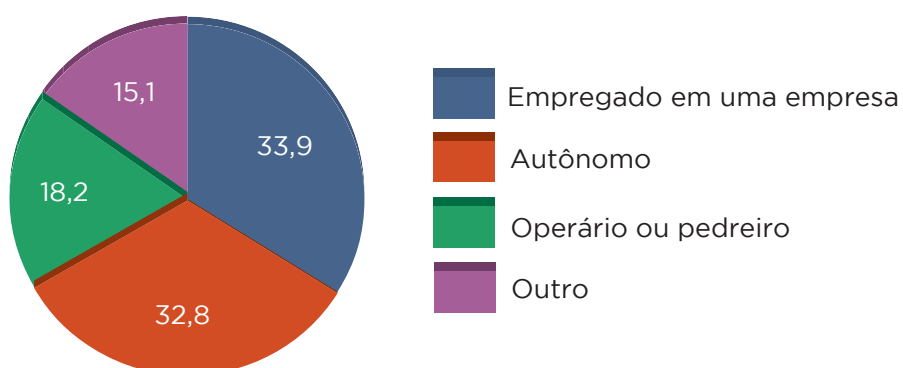
Tabela 3. Características ocupacionais segundo a idade no cometimento do crime. Resultados Comparativos

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Proporção de presos que trabalhavam um mês antes de serem presos	72,8	85,9	88,7	84,6	70,4	61,5
Média de idade quando começou a trabalhar (em anos)	14,8	14,3	14,2	14,2	13,8	15,1
% Dos presos que começaram a trabalhar antes dos 9 anos	4,2	9,8	12,6	9,6	9,1	10,5
Antes dos 15 anos	49,4	48,3	56,5	52,9	56,1	38,6

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo - Resultados da comparação.

Entre os presos que tinham um emprego, a ocupação mais frequente é a de empregado em uma empresa privada, seguido, de perto, pelos trabalhadores autônomos ou por conta própria; as duas categorias representam quase 70% dos tipos de trabalho que a população carcerária tinha antes de cometer o crime pelo qual foi condenada e presa.

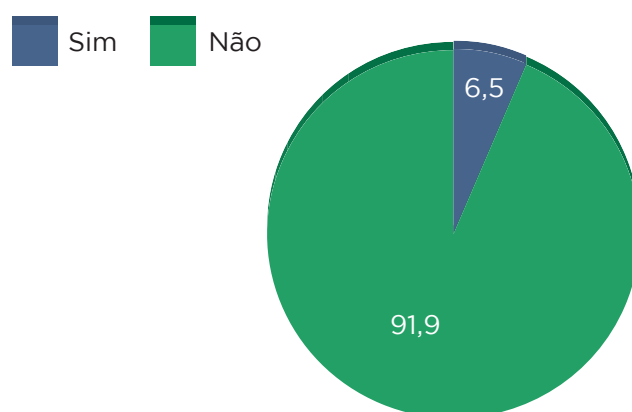
Gráfico 5. Em quê trabalha?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Um indicador importante para compreender a periculosidade da população carcerária é saber se serviu a polícia e/ou o exército.³ Neste ponto, apenas uma minoria (6,5%) serviu a polícia e/ou o exército. No Peru, por exemplo, 24% admitiram ter pertencido à polícia ou às forças armadas.

Gráfico 6. São Paulo: Alguma vez trabalhou para as forças armadas, polícia e/ou segurança privada?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.
Nota: não inclui as questões não respondidas (1,6%).

2• Contexto familiar: a infância e a idade adulta

Esta seção desagrega alguns indicadores relacionados às condições de socialização dos entrevistados na infância e na adolescência. Refere-se ao crescimento com pais presentes ou não, bem como a outros comportamentos juvenis.

Em primeiro lugar, observamos a proporção de entrevistados que nunca tiveram contato com a mãe e/ou pai. Ressaltamos que em todos os países identificamos proporções elevadas, especialmente no caso de El Salvador e São Paulo, com 27% e 23%, respectivamente.

Tabela 4. Convivência com os pais na infância. Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
% que nunca conheceram seu pai ou sua mãe	13,1	16,6	19,4	26,7	22,9	15,7

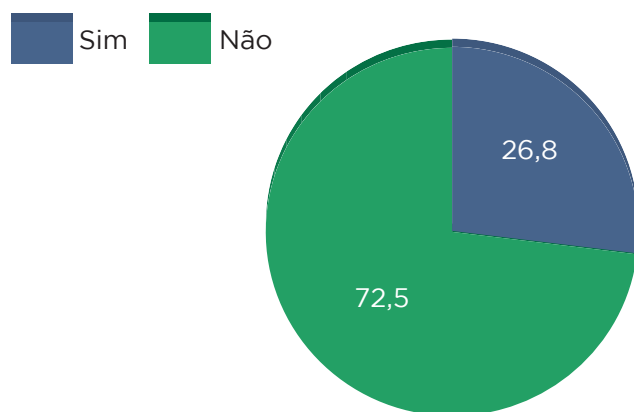
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo – Resultados comparados.

³ Ver: Vilalta y Fondevila (2013).

Complementando o cenário acima, o contexto familiar na infância é claramente negativo na população carcerária em São Paulo. Uma percentagem significativa (26,8%) dos presos relataram ter saído de casa antes dos 15 anos.

Essas proporções elevadas de entrevistados que saíram de casa cedo são uma constante nos diferentes países neste estudo, e, muitas vezes, é um indicador precursor de problemas de adaptação social.

Gráfico 7. Alguma vez você fugiu de casa antes dos 15 anos?

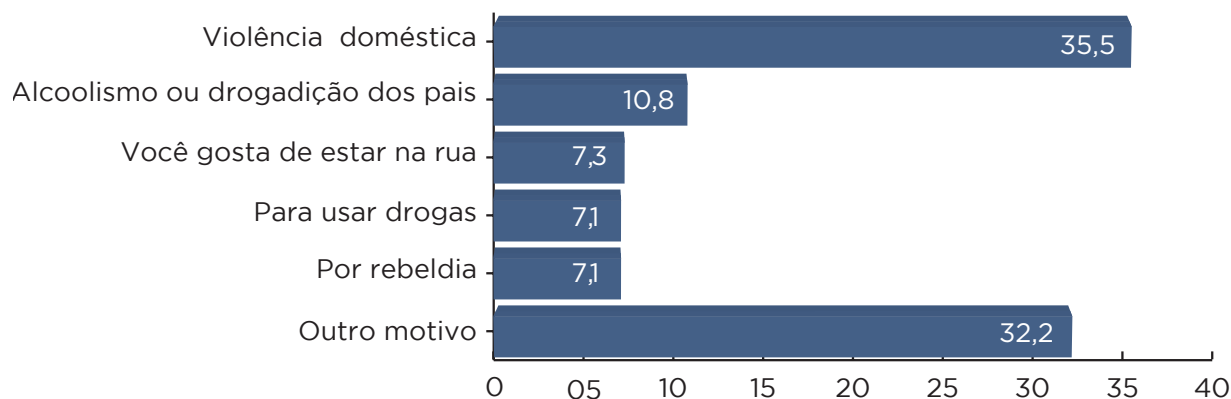


Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Nota: não inclui as questões não respondidas (0.7%).

No caso da população carcerária de São Paulo, o que provocou a saída de casa foi, principalmente, um problema de natureza familiar e seus níveis de coesão. Os dois principais motivos são: a violência doméstica e o alcoolismo ou dependência química de um dos pais (ou ambos).

Gráfico 8. Qual o principal motivo para fugirem de casa?



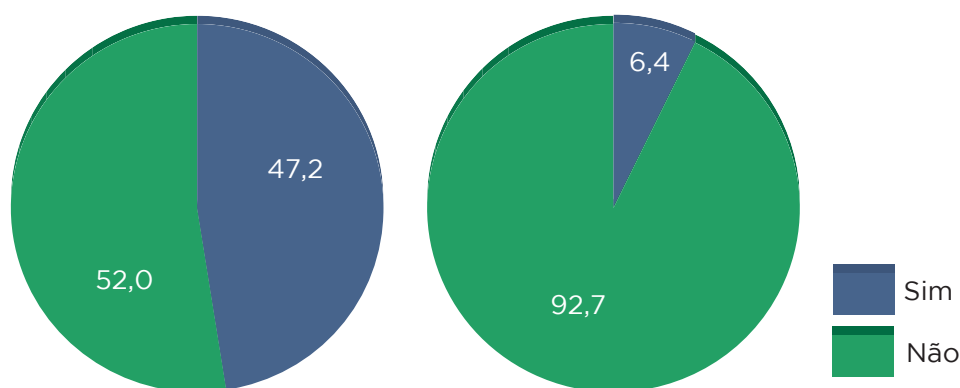
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Para explorar mais detalhadamente o uso de álcool e/ou drogas entre os pais, tanto para aqueles que saíram de casa antes dos 15 anos, como para os que não fugiram, descobrimos que quase metade dos presos relatou que, em casa, um de seus pais e/ou adultos consumia álcool com frequência. Em contrapartida, apenas uma minoria deles (6,4%) lembrou-se de que, no lar onde passou sua infância, consumia-se drogas.

Sobre este ponto, note-se que, na maioria dos casos, quando os presos eram crianças ou adolescentes, as drogas não eram tão frequentemente consumidas quanto nos níveis atuais. Por sua vez, o consumo de álcool tem uma história muito mais antiga e consolidada na população⁴.

Possivelmente, devido a essas diferenças no consumo, as proporções relativas ao uso de drogas são mais baixas quando comparadas com o álcool.

Gráfico 9. Consumo frequente de álcool e drogas no lar de sua infância
Alguém entre seus pais ou entre os adultos com quem morava na infância bebia com frequência? Algum de seus pais ou dos adultos com quem vivia na infância consumia droga?



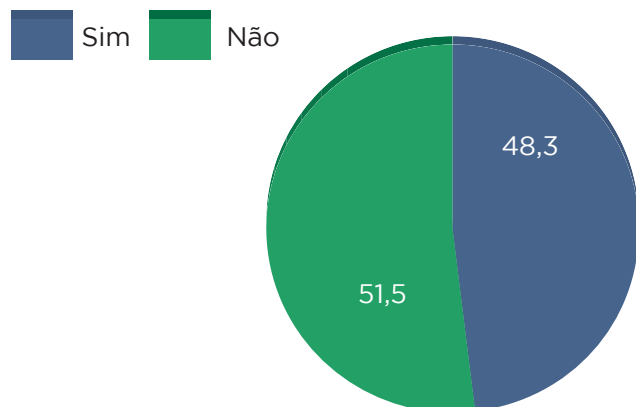
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Nota: não inclui as questões não respondidas (0,8% - 0,9%).

Um dado que também deve ser motivo de preocupação é a alta proporção de presos que dividiram uma casa ou um ambiente em que um membro da família também foi preso. Quase metade da população carcerária em São Paulo responde afirmativamente à questão sobre a prisão de algum membro de sua família.

⁴ Destaca-se que a maioria dos entrevistados havia sido criança nos anos 1980 e início dos anos 1990, quando o problema das drogas ainda emergia.

Gráfico 10. Algum membro de sua família foi preso alguma vez?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Nota: não inclui as questões não respondida (0.2%).

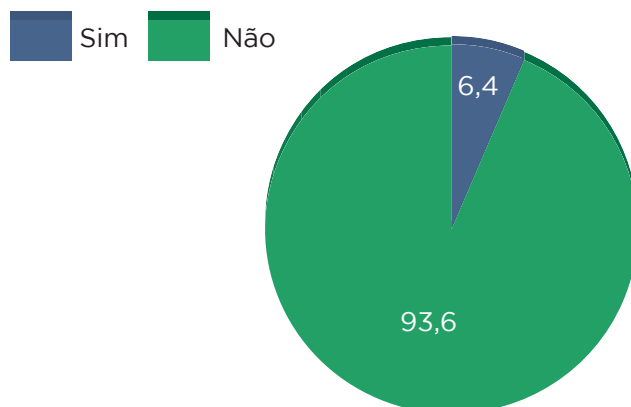
Em toda a região, especialmente em São Paulo, os dados mostram que as trajetórias delitivas têm muitos casos de familiaridade, ou seja, pessoas jovens que crescem em ambientes onde o crime pode ser habitual.

Analisando este indicador para todos os países estudados, observa-se que a proporção de familiares ou amigos presos é elevada em todos os casos: desde a situação de El Salvador, onde 27% dos entrevistados reconheceram que tinham familiares ou amigos presos, até o caso do Chile, onde esta proporção aumenta para 56%. Os dados de São Paulo são altos: quase metade dos presos teve algum familiar preso. Isso indica que tanto o processo criminal como a atividade delitiva tendem a focar certos grupos da população.

Tabela 5. Proporção de familiares e/ou amigos que estiveram presos. Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
% daqueles que tiveram algum membro de sua família preso alguma vez	42,1	32,6	31,3	26,6	48,3	56,4

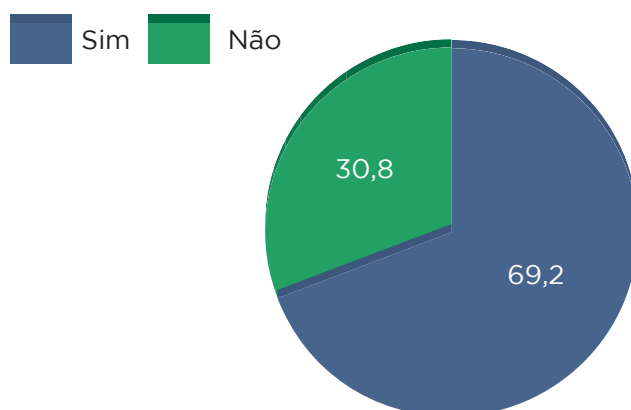
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo .

Gráfico 11. Você já pertenceu ou pertence à uma facção criminosa?

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Sómente 6% dos entrevistados admitiram pertencer, ou ter pertencido, à alguma facção criminosa. Dos casos detectados (48 casos no total), a maioria está, principalmente, dentro da facção denominada PCC e uma menor parte faz parte do CRBC.

Por último, quanto ao contexto familiar atual dos detentos de São Paulo, evidenciou-se que aproximadamente 7 de cada 10 afirmam ter filhos.

Gráfico 12. Você tem filhos?

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

É necessário ressaltar que, proporcionalmente, há um maior reconhecimento de filhos por parte das mulheres em comparação com os homens. Enquanto 82% das mulheres reconhecem ter filhos, esta proporção cai para 69% entre os homens. Em muitos casos, como mencionado acima, o tipo de crime cometido por mulheres (drogas)

está relacionado à economia de subsistência, em que estas, muitas vezes, enfrentam sozinhas a criação de seus filhos. Isso também varia conforme a idade que possuíam quando o crime foi praticado, e o tipo de crime que essas mulheres cometeram.

3• Crimes: tipos, circunstâncias e danos às vítimas

Que tipo de crimes o sistema de justiça de São Paulo alcança? Qual é a proporção de crimes, graves e menos graves, que ocupam o sistema prisional? Qual a gravidade e os padrões de crimes que a maioria dos presos comete? Estas são algumas das questões discutidas nesta seção. Estão resumidos alguns dos resultados sobre a dimensão real da criminalidade.

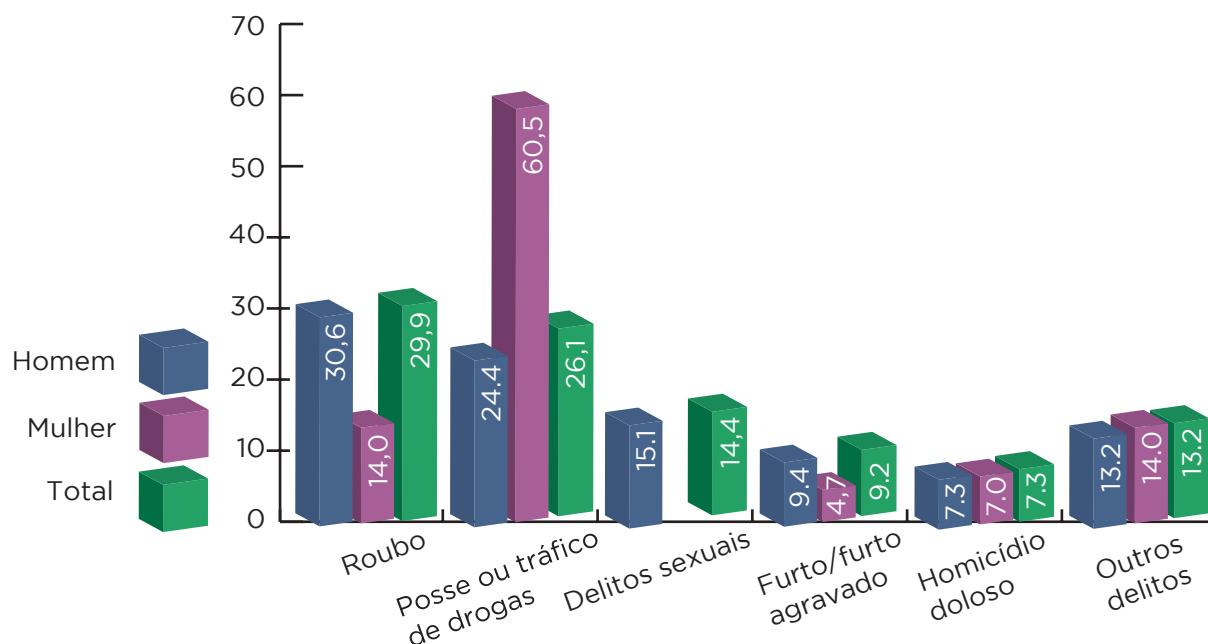
Para fazer isso uma série de indicadores serão discutidos:

- Tipo de crime
- Reincidência
- Porte de armas
- Uso de substância psicotrópica previamente à execução do crime
- Dano físico à vítima

Tipo de crime

Como esperado nos estudos sobre população carcerária, a maioria dos presos cometeu crimes contra a propriedade, isto é, algum tipo de roubo ou furto. Contudo, destacamos a elevada proporção de presos condenados por porte ou tráfico de drogas (26,1%) e crimes sexuais (14,4%). Em particular, como foi observado na seção anterior, destaca-se também a alta proporção de mulheres condenadas por crime de porte ou tráfico de drogas (60,5%)⁵. Inferimos que, provavelmente, a maioria dessas mulheres participam do micro-tráfico como um meio básico de sustento.

⁵ Como nos casos anteriores, as estimativas baseiam-se no indicador de gênero do preso.

Gráfico 13. Tipo de crime segundo o gênero

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Tabela 6. Tipo de crime. Resultados comparados

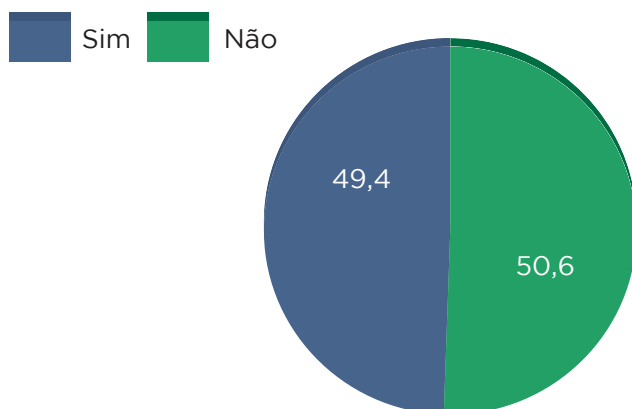
Tipo de crime cometido	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Roubo	55,3	55,9	36,8	14,4	40,3	62,6
Homicídio	24,2	14,9	9,9	39,0	7,3	7,7
Tráfico de drogas	6,1	1,6	21,7	6,9	26,1	16,1
Delitos sexuais	9,4	8,9	25,2	12,5	14,4	8,0
Extorsão	--	--	--	16,9	--	--

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Reincidência

A reincidência é um indicador chave na análise do desempenho do sistema prisional. Neste sentido, nota-se que quase a metade dos presos (49,4%) já havia sido condenada em outras ocasiões. O sistema prisional de São Paulo recebe um grande número de delinquentes habituais, o que é um indicador indireto das graves limitações que existem quanto à reintegração social.

Gráfico 14. São Paulo: Independentemente da sentença que o condenou atualmente, você já foi condenado em outra ocasião?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Comparando a situação de reincidência com outros países, é possível analisar que a proporção é variável, o que reflete diferentes graus do problema em função do país analisado. Por um lado, há situações mais leves, como o Peru (16%) ou El Salvador (18%), em seguida, há os casos da Argentina e do México, onde as proporções de reincidência são de 37% e 33%, e, por fim, Brasil e Chile com casos bem mais graves de reincidência (49% e 53% respectivamente).

Tabela 7. Reincidência. Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
% dos que foram condenados anteriormente	37,3	33,3*	16,1*	18,2	49,4	52,9

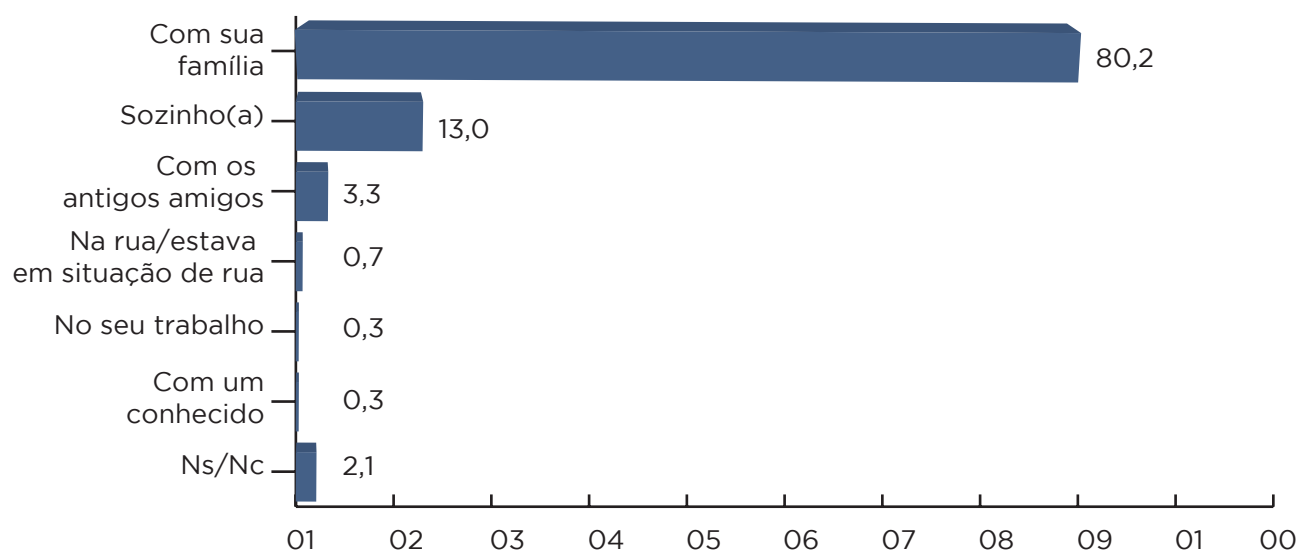
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo Resultados comparados.

(*) Os cálculos para o México e o Peru foram realizados com base na seguinte pergunta: “Em alguma outra ocasião te condenaram por algum tipo de crime?” Assume-se que o cálculo da reincidência é feito com base em prévias condenações. Nos outros quatro casos a pergunta foi: “Você esteve (antes desta prisão) preso em um prisão de adultos?”, ou seja, nesses países podem estar incluídos casos em que as pessoas foram processadas e presas, mas não condenadas.

Embora seja importante para a análise sobre reincidência observar o contexto em que o sujeito é socializado, também é importante aprofundar alguns aspectos da inserção dos presos quando deixam a prisão.

Sobre este aspecto, como mostramos no gráfico a seguir, a maioria dos egressos (80%) voltou a viver com sua família, ou seja, retornou para o ambiente onde estava inserido antes de ser preso. Em contrapartida, há uma proporção minoritária (13%), que acaba vivendo sozinho.

Gráfico 15. Quando saiu da prisão da última vez, com quem voltou ou foi viver?



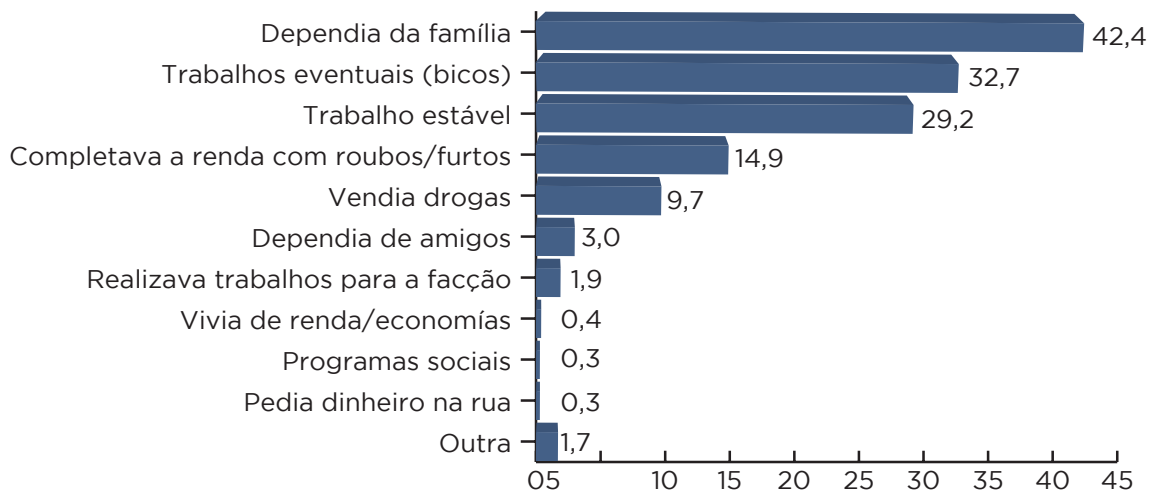
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo Nota: não incluímos as questões não respondidas.

Outro elemento de interesse tem a ver com as atividades realizadas uma vez que são libertados da prisão. Neste sentido, em conversas com funcionários do sistema prisional, muitos afirmam que os cursos ministrados e as atividades realizadas dentro das prisões, através dos programas educacionais ou de emprego, não se refletem na vida após a prisão.

No caso de São Paulo, mais de 40% dos entrevistados disseram que, depois de terem sido soltos da prisão, foram mantidos pela família/cônjuge. Por outro lado, mais de um terço se mantém com trabalhos temporários, e 25% dos entrevistados combinam esses trabalhos com atividades ilícitas.

Todavia, apesar de 29% reconhecerem que possuíam um emprego estável, as características dessas atividades de trabalho refletiam condições precárias.

Gráfico 16. Quando você esteve em liberdade da última vez, vivia de quê?

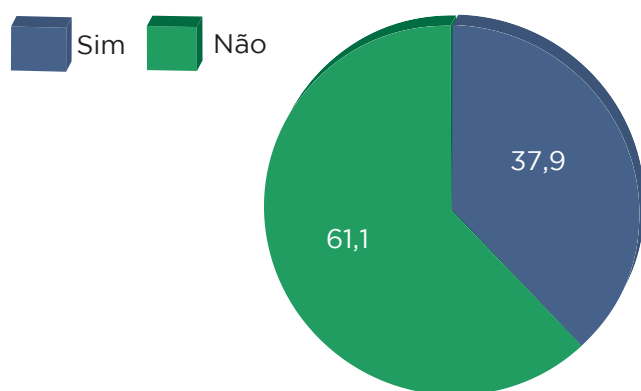


Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo. Múltiplas respostas.

Armas

O porte de armas na execução do crime é uma questão chave na análise da violência criminal (Vilalta, 2009). Sob este aspecto observamos que quase dois, em cada cinco presos, (37,9%) informaram que as autoridades disseram que portavam uma arma no ato de cometimento do crime pelo qual foram condenados.

Gráfico 17. As autoridades disseram que você carregava uma arma na execução do crime?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.
Nota: não incluímos as questões não respondidas (1,0%).

Tabela 8. Porte e uso de armas no cometimento do crime. Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Portava uma arma consigo no momento do crime	64,7	36,0	28,0	27,3	37,9	37,9
Disse ter usado a arma (dentre os que a portavam)	63,0	52,2	79,3	72,8	73,3	62,3

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Apesar dos dados indicarem que na Argentina há uma proporção maior no percentual de pessoas portando armas de fogo no momento de cometer o delito, é todavia semelhante em todos os países o percentual que admite ter usado a arma no momento do crime.

Tabela 9. Posse de armas em algum momento e idade em que portou uma arma pela primeira vez. Resultados comparados

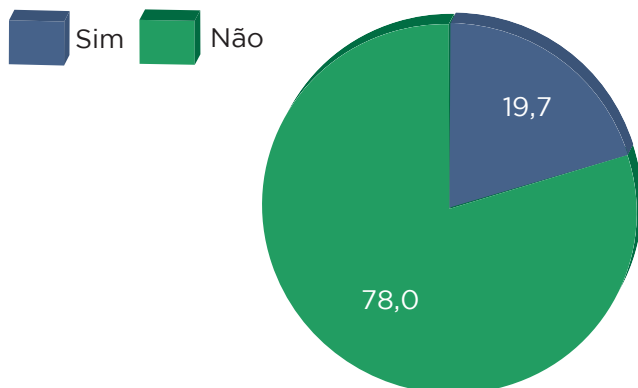
	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Proporção que possuiu uma arma de fogo alguma vez na vida	80,5	42,3	39,7	49,8	70,5	75,7
Proporção que teve uma arma antes dos 15 anos de idade	30,8	14,6	8,5	22,7	17,9	23,0

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Com relação ao histórico do porte de armas dentro dessa população, ao comparar os países, aparecem dois grupos diferentes. Por um lado, o caso da Argentina, Chile e São Paulo, onde 70% ou mais dos entrevistados relataram ter possuído uma arma alguma vez e, em segundo lugar, Peru, El Salvador e México, onde estes índices estão entre 40% e 50%.

Note-se que, em quase todos os casos, e quase em todos os países, o porte de armas pelos entrevistados não era permitida.

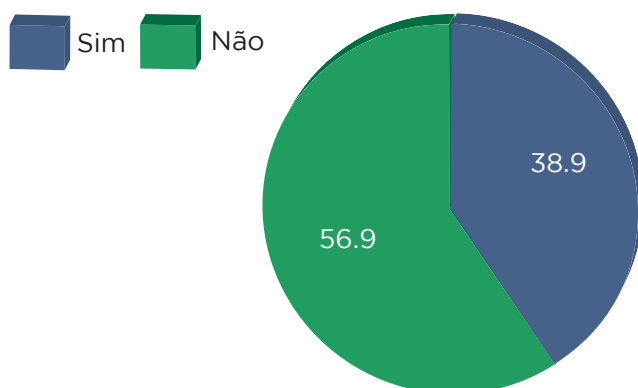
O porte de armas correlaciona-se com a prática de danos físicos às vítimas dos crimes. Neste sentido, vemos que a população prisional de São Paulo não é uma exceção a esse padrão detectado no México e, particularmente quase um em cada cinco presos (19,7) relata que participou de um crime onde pelo menos uma vítima foi ferida fisicamente.

Gráfico 18. Havia pessoas que sofreram danos físicos?

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.
Nota: não incluímos as questões não respondidas (2.3%).

Drogas e álcool

Conceitualmente ligado ao porte de armas, um outro aspecto importante no estudo sobre a violência criminal, mas que ainda não é totalmente compreendido, é o estado de embriaguez do agressor no momento do crime. Aqui também vemos que quase dois em cada cinco detentos relataram ter consumido álcool e /ou qualquer droga ilegal antes do cometimento do crime.⁶

Gráfico 19. Consumo de álcool e/ou droga durante as 6 horas anteriores ao crime imputado

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.
Nota: não incluímos as questões não respondidas (4.2%).

⁶ A substância mais frequentemente utilizada antes do cometimento do crime é o álcool (60,2%), seguida pela cocaína / crack (22,9%) e maconha (15,3%). A combinação de substâncias também é registrada.

Tabela 10. Consumo de álcool e/ou drogas 6 horas antes do crime. Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Proporção que consumiu álcool e/ou drogas 6 horas antes do crime	32,0	39,4	32,1	16,4	38,9	49,7

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Entre os países se observa certa homogeneidade entre Argentina, México, Peru, e o estado de São Paulo. Com diferenças importantes se encontra o Chile, com o maior consumo de drogas e álcool antes do delito (50% dos consultados) e no outro extremo, El Salvador, com uma proporção de 16%.

Tabela 11. Consumiu alguma vez e idade que tinha quando fez o primeiro uso. Resultados comparados

Proporção dos que consumiram alguma vez na vida	Argentina		México		Peru		El Salvador		São Paulo		Chile	
	%	IDA DE	%	IDA DE	%	IDA DE	%	IDA DE	%	IDA DE	%	IDA DE
Maconha	67,9	15,6	53,2	17,1	31,6	18,2	37,8	13,6	69,8	15,3	82,6	13,8
Inalantes	17,6	14,2	27,0	15,5	6,8	15,9	5,6	22,0	22,6	15,0	26,3	13,4
Pasta base, cocaína, crack	47,7	17,4	33,2	19,5	23,1	20,8	11,9	23,1	48,5	18,2	61,8	18,0
Pastilhas, ecstasy	29,7	16,5	19,7	17,3	4,3	18,7	2,3	34,1	15,8	19,3	35,2	16,5
Heroína	2,2	13,7	2,1	16,3	1,2	26,3	1,1	31,4	2,1	17,9	2,9	15,4

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Como se observa, em São Paulo há uma proporção muito alta de presos que utilizaram drogas e começaram o consumo muito jovens.

4• Circunstancias da detenção e do processo penal

Em diferentes graus e circunstâncias particulares, todos os países da América Latina sofrem de um estado de fraqueza institucional na área de segurança e justiça.

A maioria das informações disponíveis podem ser consideradas anedóticas e, muitas vezes, não podem ser generalizadas, nem podem identificar padrões para fazer diagnósticos e oferecer soluções precisas e contundentes.

Com o objetivo de explorar o estado do sistema de segurança e de justiça em diferentes países selecionados para este estudo, esta seção apresenta informações sobre as circunstâncias da prisão e do processo criminal na voz daqueles que foram julgados e condenados. Portanto, esta pesquisa, ao contrário da informação contida nos registros dos tribunais, fornece as percepções dos condenados, ou seja, aqueles que passaram pelo processo e, por isso, permite contrastar as informações geralmente obtidas daqueles que operam o sistema (juízes, promotores e policiais).

Indicadores para caracterizar o devido processo legal usados nesta seção são:

- Flagrância na detenção
- Opinião sobre a importância do dinheiro, influência e corrupção policial e judicial
- Violência física
- Grau de compreensão das audiências
- Duração do processo (meses)
- Cumprimento da sentença (anos)

Flagrante

Conforme tabela abaixo, na maioria dos casos as detenções ocorreram no dia em que os entrevistados cometeram o delito. Esta situação é semelhante em todos os lugares onde este estudo foi realizado.

Entre metade e dois terços dos entrevistados foram presos no mesmo dia em que delinquiram. Este item é um indício e, baseado em uma primeira aproximação, permite-nos inferir que os níveis de investigação criminal para resolver crimes são baixos.

Analisando o flagrante em função dos delitos cometidos pelos detentos, observamos diferenças significativas.

A maioria dos casos são resolvidos no ato. Como visto no caso de São Paulo, quatro em cada cinco casos de roubo, ou delitos relacionados à drogas, são resolvidos no mesmo dia em que ocorreu a

prisão, ou seja, onde não houve a necessidade de uma investigação criminal aprofundada.

Tabela 12. Prisão em flagrante conforme o tipo de crime cometido. Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
% daqueles que foram detidos no dia que cometeram o crime	66,9	65,8	56,4	44,8	65,8	67,5
Conforme o tipo de crime cometido						
Roubo	81	78	66	70	78,2	76
Homicídio	45	46	42	30	43,6	37
Porte/Tráfico de droga	39	85	78	79	82,4	63
Delitos sexuais	12	47	27	32	25,6	16

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

O inverso acontece com os assassinatos. Os autores são presos no dia em que cometeram o crime em proporções que variam entre 30% e 45%. A resolução de 43% dos crimes no dia em que aconteceram indica que um homicida que escapou da detenção no primeiro dia tem mais de 50% de chance de nunca ser preso por esse crime.

Além disso, a proporção mais elevada, em São Paulo, dos presos por crimes de droga no ato, indica que há pouca investigação criminal, pois se prende principalmente pequenos traficantes e usuários. A maioria dos operadores médios e grandes raramente são presos em flagrante delito.

Corrupção

Analisando agora a importância que presos em São Paulo dão ao dinheiro e/ou à influência para evitar a prisão, 62,6 % dos entrevistados dizem que sim, eles poderiam ter evitado a prisão se tivessem recursos para corromper os membros das instituições de segurança e de justiça⁷. No entanto, esse número é reduzido à metade (31,8%), quando perguntado se de fato a polícia pediu-lhes dinheiro ou algum pertence a partir do momento da prisão até a proferição da sentença.

⁷ Esta é uma medição indireta de corrupção. Refere-se somente à percepção dos presos e não a fatos concretos. Em seguida o estudo analisará atos reais de suborno.

Tabela 13. Pensando em todo o processo (desde a sua prisão, até a sentença de condenação). Alguma vez você já ofereceu a um policial dinheiro ou objetos pessoais? Resultados comparados

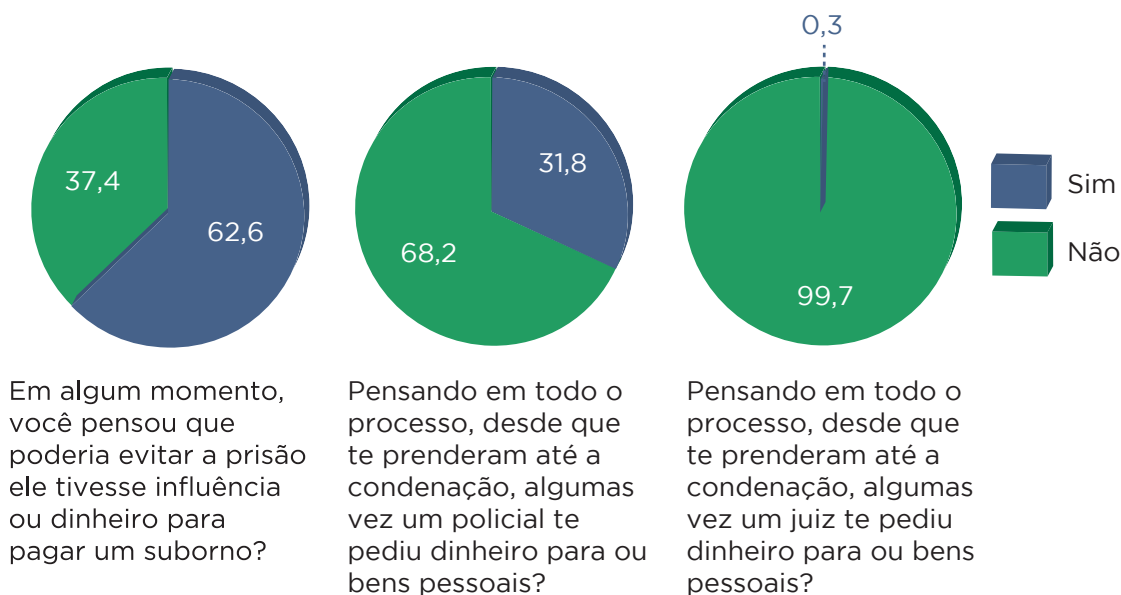
	Argentina	México*	Peru	El Salvador	São Paulo*	Chile
% daqueles que pediram dinheiro ou pertences	27,3	45,7	37,6	8,9	31,8	20,7

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo No México, agrega-se polícia preventiva e polícia judicial, e em São Paulo, polícia militar e polícia civil. Nos demais países a pergunta aborda somente o termo 'polícia'.

Quanto ao pedido de dinheiro por parte da polícia, com exceção para o caso de El Salvador, nos demais países as proporções são elevadas. Desde 20% no caso do Chile, até o extremo de 45%, no caso do México.

Contudo, observando especificadamente o caso de São Paulo, inferimos um estado grave de corrupção nas forças policiais, uma vez que, um em cada três presos apontou tal comportamento. Da mesma forma, em uma escala muito menor, a proporção de presos que relatou algum pedido de dinheiro ou de algum bem por parte de juiz é quase nula (0,3%). Isso indica uma instituição judicial muito menos inclinada a este tipo de corrupção.

Gráfico 20. Importância do dinheiro para ser liberado e corrupção policial e judicial



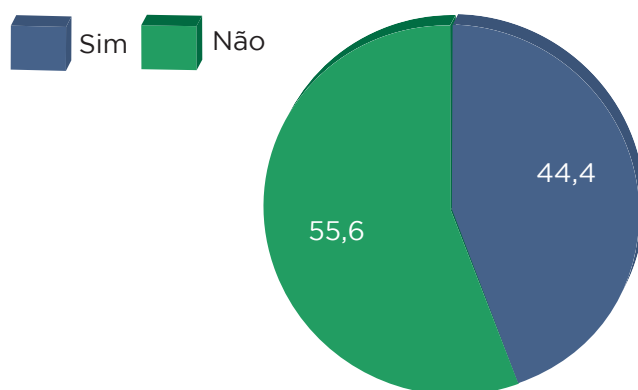
Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Violência

Quanto à violência física experimentada pelos detentos, onde as autoridades são perpetradoras dessa violência, observa-se que pouco mais da metade (55,6%) relataram uso de força física contra eles com o objetivo de obrigá-los a fazer declarações ou a mudar seu depoimento.

Contudo, cabe assinalar que tanto os subornos quanto a violência física no tratamento pela polícia e durante o processo judicial, são relativamente habitual na maioria dos diferentes países analisados.

Gráfico 21: Alguém te agrediu ou utilizou força física para te obrigar a declarar ou a mudar sua declaração?

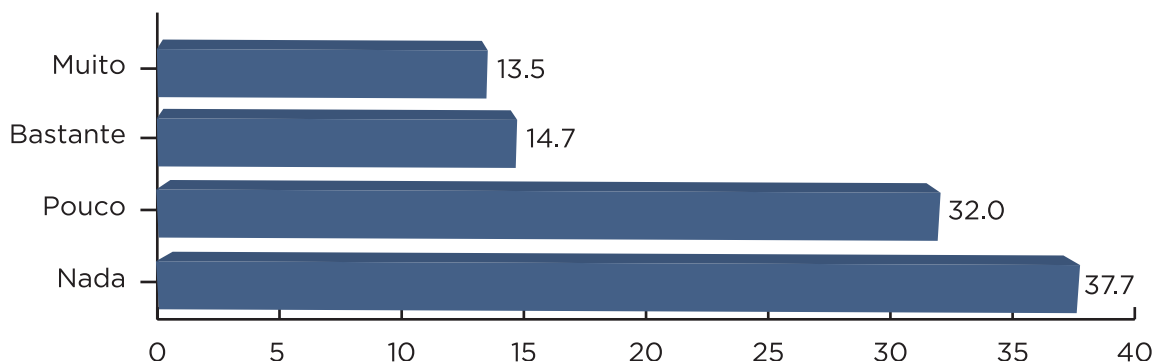


Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 - São Paulo.

Compreensão

Independentemente das condições de corrupção e violência física exercidas contra os presos, chama a atenção o baixíssimo grau de compreensão que os presos informam ter do que acontece nas suas audiências e no julgamento. Mais da metade diz não entender nada ou pouco a respeito. Somente 13,5%, uma minoria, entendia muito do que acontecia nas audiências.

Gráfico 22. Quanto você entendia do que acontecia nas audiências e no julgamento?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo

Nota: Não se incluem as não-respostas (2.1%).

Duração do processo e pena

Vinculado à compreensão do processo judicial, há dois indicadores igualmente importantes que são a duração do processo e o tempo da pena. O primeiro indicador refere-se à eficiência do processo e o segundo à severidade do castigo; ambos os conceitos são importantes em matéria de política pública.

Com respeito à duração do processo, observamos que o tempo médio transcorrido entre a prisão e o momento em que se proferiu a sentença varia notavelmente segundo o tipo de crime. Enquanto os condenados por roubo podem aguardar sua sentença por um período de 10 meses, os condenados por homicídio doloso podem ser sentenciados em 25 meses.

Tabela 14. Meses decorridos entre a detenção e a sentença por tipo de crime mais frequente entre a população carcerária*

	Média	Varição típica	Duração mínima	Duração máxima
Roubo	10,1	12,1	8,6	11,6
Porte ou tráfico de drogas	10,2	19,6	7,6	12,8
Crimes sexuais	12,8	25,8	8,1	17,6
Furto/Furto qualificado	8,8	9,1	6,1	11,5
Homicídio doloso	24,9	32,8	17,0	32,8

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária: 2013 – São Paulo.

Nota: Não se incluem as não-respostas.

*Referem-se a intervalos com um nível de confiança de 95%.

A comparação entre os países, conforme mostra a tabela nº 15, apresenta prazos até a condenação relativamente semelhantes.

Destaca-se uma maior demora ou maior tempo transcorrido para as sentenças de homicídios em São Paulo e na Argentina. Inversamente, El Salvador possui um tempo consideravelmente baixo (9,8 meses) para esse crime. Por outro lado, para crimes de roubo e de porte/tráfico de drogas, a justiça paulista, em média, atua mais rapidamente para condenar.

Tabela 15. Média de meses decorridos entre a detenção e a sentença por crime mais frequente entre a população carcerária. Resultados comparados

Segundo tipo de crime cometido	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Roubo	12,4	11,1	13,4	10,6	9,9	9,1
Homicídio	20,9	17,3	12,7	9,8	24,9	16,1
Porte/Tráfico de drogas	15,9	8,9	16,7	7,2	10,2	16,1
Crimes sexuais	14,6	15,0	14,3	8,1	12,8	19,8

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - Resultados comparados.

Com respeito ao tempo da pena, como esperado, há variações importantes por tipo de crime, sendo, naturalmente, maiores aquelas penas impostas aos condenados por homicídio doloso e por delitos sexuais.

Tabela 16. Anos de condenação por tipo de crime mais frequente entre a população carcerária*

	Média	Variação Típica
Roubo	8,5	10,4
Porte ou tráfico de drogas	6,8	5,6
Crimes sexuais	15,3	15,4
Furto/Furto qualificado	6,0	8,8
Homicídio doloso	23,7	18,0

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - São Paulo.
Nota: não se incluem as não-respostas.

*Referem-se a intervalos com um nível de confiança de 95%.

Tabela 17. Média de anos de condenação por delito mais frequente entre a população carcerária. Resultados comparados

Segundo tipo de crime cometido	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Roubo	6,4	11,2	9,8	8,9	8,3	7,6
Homicídio	18,3	33,7	14,6	11,0	23,7	13,8
Porte/Tráfico de drogas	5,2	22,0	10,6	8,9	6,8	5,7
Crimes sexuais	10,1	16,8	16,3	13,2	15,3	13,3

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - Resultados comparados (2.1%).

A justiça paulista é bastante severa com a maioria dos crimes. A tabela 15 mostra que a duração mínima encontrada para um furto foi de 3.4 anos, e para um roubo (que geralmente inclui a ameaça do uso da violência) foi de 7.2 anos. Para homicídios é uma das mais severas da região.

5• Condições de vida e estado de saúde na prisão

Este último capítulo refere-se às condições de vida dos presos dentro dos presídios analisados em São Paulo. Destacamos que, ainda que sejam amostras representativas, somente foram entrevistados internos de 8 dos centros do Estado de São Paulo, por isso, não podemos inferir representatividade absoluta. Entretanto, é muito provável que os resultados apresentados não sejam muito distintos do restante das prisões do Estado, em que os internos não foram entrevistados.

Dentro desta seção serão trabalhados temas vinculados à superlotação dentro das prisões e ao nível de fornecimento de bens e serviços básicos com os que os presos contam para a sua sobrevivência. Também, serão analisadas questões relativas à violência dentro dos presídios e ao cuidado com a saúde dos presos.

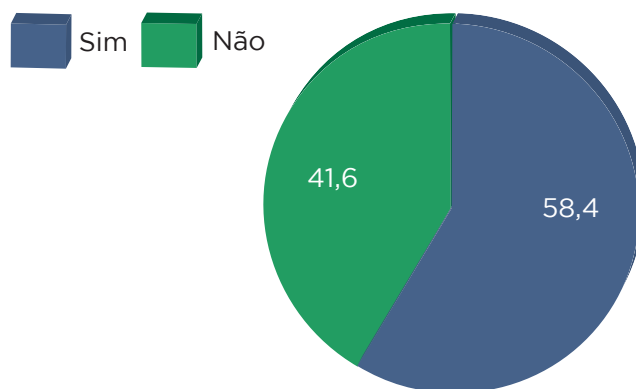
Em primeiro lugar, com respeito à superlotação, se calcula a relação entre espaços disponíveis nas celas e o número de pessoas em seu interior. Segundo a opinião dos presos a respeito de quantos dormem por cela e o número de internos que deveriam dormir em cada espaço, encontra-se a relação de 1.88, ou seja, o número de pessoas por cela ultrapassa em 88% sua capacidade. Assim sendo, podemos dizer que o número de presos por espaço disponível é de quase o dobro (ou quase 100%) do espaço disponível.

Insistimos que através desta pesquisa objetivamos medir a percepção do interno, e não padrões absolutos aprovados por autoridades nacionais e internacionais.

Comparando com outros países observados, evidenciam-se importantes diferenças entre eles no que diz respeito à capacidade de alojamento. Enquanto no México a relação é de 1.85, ou seja, muito similar ao caso de São Paulo, este indicador desce a 1.24 para o caso do Chile, e no outro extremo se encontra na Argentina com uma proporção de 0.96, isto é, sem situação de superlotação atual dentro do Sistema Penitenciário da Província de Buenos Aires.

Com relação à suficiência em água, vemos que uma proporção muito importante de presos (41,6%) informa que não tem água suficiente para beber. Esta é uma proporção alarmante sobre um direito e condição necessária de vida.

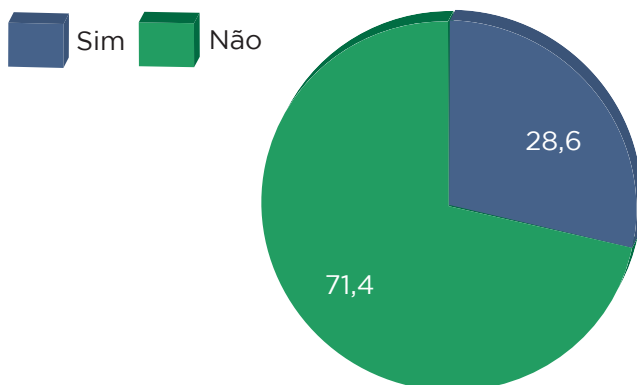
Gráfico 23. Há água suficiente para beber?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - São Paulo.

Devemos considerar que no interior dos centros de reclusão também se cometem crimes dos quais os presos se tornam vítimas, por exemplo, de roubo de bens pessoais. Nessa perspectiva, cerca de 28% dos presos informam que em alguma ocasião lhes foi roubado algum objeto pessoal. Esta pode chegar a ser uma taxa de roubo similar a da população não-carcerária da região.

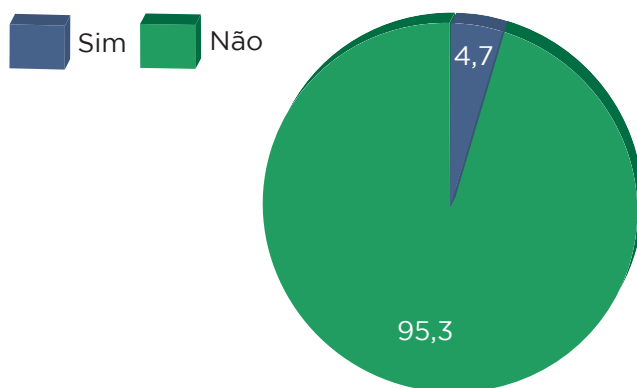
Gráfico 24. Alguma vez roubaram, no presídio, seus objetos pessoais?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 – São Paulo.

A violência física nos centros de reclusão de São Paulo, de acordo com a percepção dos internos, está presente só em certo grau. Quando se pergunta aos presos se nos últimos seis meses foram agredidos, se observa que quase um, de cada vinte, informa efetivamente ter sido agredido nesse período de tempo.

Gráfico 25. Você foi agredido nos últimos seis meses?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 – São Paulo

Comparativamente com outros países, observam-se fortes diferenças entre o caso de São Paulo e El Salvador com o restante, no que tange ao reconhecimento por parte dos presos de que foram agredidos nos últimos meses.

8 É provável que essa proporção seja maior, mas que os internos não informem nas pesquisas sobre a violência como forma de dirimir conflitos, porque não a percebem como tal, ou porque preferem não informar.

Enquanto São Paulo e El Salvador se mantêm em proporções abaixo de 5%, os demais registram respostas afirmativas da ordem 14.9% até 25.9%, como o caso chileno.

Essas diferenças podem decorrer, efetivamente, de um tratamento diferente ou de diferenças na percepção do indicador segundo os contextos e as situações em cada um dos países.

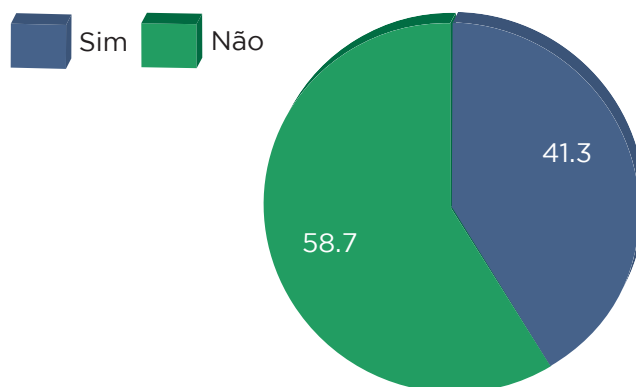
Tabela 18. Você foi agredido nos últimos seis meses? Resultados comparado-

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Proporção de quem reconhece ter sido agredido nos últimos seis meses	19,6	15,1	14,4	3,5	4,7	25,9

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - Resultados comparados.

Finalmente, com relação ao atendimento médico dos presos quando adoecem, ou seja, à garantia mínima de ser tratado quando realmente se necessita, sendo uma condição diferente a uma cultura de prevenção em saúde, também se observa que uma alta proporção dos mesmos presos (58,7%) não é atendida nessa circunstância extrema; uma vez já adoecidos.

Gráfico 26. São Paulo: Quando adoecer, recebe atendimento médico?



Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - São Paulo.

Por último, observando comparativamente os níveis de atendimento médico que os presos declaram, observa-se que o caso de São Paulo é similar ao de El Salvador e da Argentina. Nestes três lugares as proporções de atendimento médico estão na ordem de 40% a um 49%. Os

demais países reportam melhores condições, eles giram em torno de 70% de atendimento médico segundo o que informaram os presos.

Tabela 19. Quando adoece, recebe atendimento médico? Resultados comparados

	Argentina	México	Peru	El Salvador	São Paulo	Chile
Proporção de quem disse que tem recebido atendimento médico	46,4	70,4	69,9	49,5	41,3	69,9

Fonte: Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - Resultados comparados. ▲



Síntese e ideias finais

1. O aumento da população carcerária durante a última década coloca em risco o cumprimento das funções designadas para o sistema penitenciário de reintegração social, bem como de segurança tanto da população penitenciária quanto da população em geral.

2. Infere-se que as condições familiares e os lares onde cresceram os condenados são de negligência e marginalidade. São cada vez maiores os índices de violência, de consumo de álcool e drogas, de abandono, de desistência escolar, de ingresso precoce na economia informal e de pertencimento a núcleos familiares que contam com vários integrantes na prisão.

3. Os resultados mostram bastante a habitualidade no crime. O percentual de reincidentes é alto, o número de pessoas que tiveram familiares presos também. A idade de iniciação na atividade delitiva é muito baixa em São Paulo.

4. A maioria dos presos em São Paulo se encontra privada de liberdade por roubo ou por tráfico de drogas. Se comparado com outros casos, São Paulo tem proporcionalmente a taxa mais alta de presos por temas relacionados à drogas.

5. São Paulo está também entre os que têm taxas mais altas no uso de armas de fogo, e mostra a grande circulação de armas que existe no Brasil.

6. A violência e o consumo de substâncias ilícitas têm aumentado, assim como a desconformidade às regras, os abusos contra familiares e a corrupção.

Não se observa um bom desempenho da polícia militar, nem da polícia civil, nem do Ministério Público e tampouco da Defensoria

Pública. Os presos afirmam que não compreendiam seu processo e se verificou casos de maus tratos.

Apesar da violência existente, em comparação com a região, as condições carcerárias de São Paulo estão acima da média de outros casos latinoamericanos estudados.

Em resumo, as evidências indicam que as prisões de São Paulo abrigam delinquentes de baixo e de alto risco, que estas não estão sendo efetivas em prevenir o cometimento de crimes e que a reincidência é uma das mais altas da América Latina. Em São Paulo parece existir um segmento da população cuja relação com o delito é de alta habitualidade. Isto exige muita atenção de todos os atores sociais para mitigar os efeitos nocivos das altas taxas delitivas que este fenômeno produz. ▲

Anexo metodológico: Informação e estratégia analítica

Este relatório se fundamenta estatisticamente na Pesquisa com a População em Reclusão de 2013 de São Paulo, Brasil.⁹ Esta pesquisa foi aplicada a uma amostragem representativa de presos em presídios e centros de detenção provisória entre 24 de julho e 6 de agosto de 2013. A amostragem consiste em um total de 751 presos pesquisados, distribuídos em dez unidades prisionais.

Tabela 20. População entrevistada por centro de reclusão, 2013*

	Frequência	Porcentagem do total
Franco da Rocha - Penitenciária Nilton Silva - Franco da Rocha II	80	10,7
Franco da Rocha - Penitenciária Franco da Rocha III	96	12,8
Sorocaba - Penitenciária Dr. Antônio de Souza Neto	121	16,1
Hortolândia - Penitenciária I de Hortolândia	86	11,5
São Paulo - Penitenciária Feminina Sant'ana	103	13,7
Guarulhos - Penitenciária José Parada Neto	91	12,1
Guarulhos - Penitenciária "Desembargador Adriano Marrey" -Guarulhos II	123	16,4
São Paulo - Centro de Detenção Provisória - Pinheiros I	21	2,8
São Paulo - Centro de Detenção Provisória - Pinheiros II	25	3,3

Fonte: Cálculos próprios com base no Estudo latino-americano sobre população carcerária. Ano 2013 - São Paulo.

*Apresentam-se as frequências simples ou não ponderadas.

Esta pesquisa é um instrumento científico e probabilístico voltado à medição de eventos fatuais e opiniões. Esta pesquisa ocorreu igualmente em unidades federativas mexicanas (Morelos, Distrito

⁹A referência da pesquisa é a seguinte: Pesquisa a População em Reclusão de São Paulo, Brasil, 2013.

Federal e o estado do México) nos anos 2002, 2005, 2009 e 2013¹⁰. Ou seja, esse exercício estatístico já foi realizado por vários anos em diferentes localidades.

O leitor deve saber que a pesquisa em São Paulo é mais uma das realizadas pela equipe de investigação em diferentes países (e demarcações no interior de alguns países) da região latino-americana durante o ano de 2013. O desenho das amostras se orienta, em todos os casos, a partir de um procedimento aleatório de seleção das unidades de observação. Trata-se de um procedimento amostral complexo estratificado, por conglomerados, polietápico, seleção sistemática de observações e quota de gênero¹¹. Utilizam-se dois quadros amostrais: as prisões e os presos listados/enumerados em cada prisão. Cada quadro amostral é utilizado em etapas diferentes do procedimento de seleção - na seleção da prisão e do entrevistado.

Os efeitos do desenho são variáveis por país e por procedimento seguido para obter a amostra. As taxas de resposta são também variáveis por país e se mediram por meio de provas-piloto em cada país. Ambos os critérios modificam os tamanhos resultantes das amostras nacionais ou regionais. Os únicos critérios que se mantêm constantes entre as pesquisas de cada país são aqueles que efetivamente não variam por circunstâncias subjetivas do desenho: variabilidade, nível de confiança e nível de precisão. Nas amostras de todos os países e regiões se designa a máxima da variabilidade, um nível de confiança de 95% e um nível de previsão de +/- 5%¹².

A amostra de presos da região de São Paulo não contém conglomerados, mas está estratificada por gênero do recluso. Uma vez que é necessário sobrerrepresentar proporcionalmente as mulheres ante a sua baixa proporção dentro do total da população carcerária, elegeu-se entrevistar ao menos 100 mulheres (como cota de estrato), com a finalidade de contar com um número de mulheres suficiente, e que alcançasse uma significância estatística efetiva em posteriores provas de hipóteses entre estratos¹³. Os resultados do relatório, no entanto, estão ajustados, e se pondera o peso do gênero para não influenciar a representatividade dos resultados.

10 Os questionários, metodologias e base de dados destas pesquisas no México podem ser consultados e baixados diretamente no Banco de Informação para a Investigação Aplicada em Ciências Sociais (BIIACS) do Centro de Investigação e Docência Econômicas (CIDE). Site: www.biiacs.cide.edu. O caso de Morelos somente foi considerado na pesquisa de 2002. Cabe mencionar que a população carcerária entrevistada entre 2002 e 2009 já foi previamente analisada estatisticamente. Ver: Vilalta y Fondevila (2013)

11 Somente as amostras nacionais seguem um critério de conglomerados de centros de reclusão. As amostras regionais não utilizam conglomerados deste tipo.

12 É importante considerar que os resultados da pesquisa oferecerão maiores ou menores níveis de precisão para efeito de calcular os intervalos de confiança segundo o reativo e o seu efeito de desenho particular. O erro padrão não é constante através de todos os reativos.

13 Se o orçamento permite, sempre se procura incrementar o tamanho do grupo das mulheres.

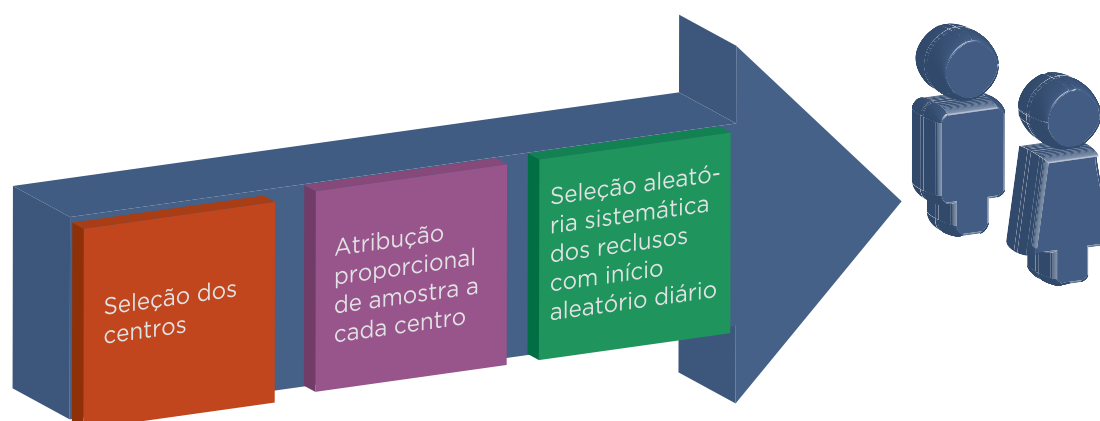
O desenho também é polietápico. A primeira etapa consistiu na seleção dos centros de reclusão onde se aplicariam as pesquisas. Dado que a designação de presos do estado a cada centro não segue nenhum critério regional ou por tipo de crime, e a seleção dos centros se realizou com base na disponibilidade orçamentária e da distância entre os centros. Isto ocorreu tanto para o caso de centros de homens, como para o de mulheres. O número de centros (dez) se definiu previamente, com base, também, em critérios de distância entre os centros e a disponibilidade de recursos.

A segunda etapa foi a seleção dos presos voluntários a pesquisar em cada centro de reclusão. Sobre a base de uma listagem ou enumeração de presos em cada centro, a seleção dos presos se deu a partir de um procedimento de salto sistemático na lista, com partida aleatória a cada dia de duração da pesquisa. Este procedimento de salto sistemático se realizou em três passos:

- Primeiro se determinou o número de questionários que seriam aplicados em cada centro, com base na sua porcentagem dentro do total regional. Ou seja, se realizou uma atribuição proporcional.
- Depois se dividiu o número total de internos entre o número de internos a ser entrevistado em cada centro, o qual nos deu o número de salto.
- Por último, em cada dia da pesquisa se gerou um número aleatório que serviu como partida para selecionar os internos a quem se aplicou o questionário.

No caso de recusa em responder a pesquisa, foi-se escolhendo presos seguintes com base na listagem e seguindo o procedimento de salto sistemático.

Gráfico 27. São Paulo: Etapas e procedimento para chegar ao recluso pesquisado



A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas pessoais, realizadas voluntariamente, com base em uma seleção aleatória e sistemática dos presos, tal e qual já se explicou. Como já mencionado, os resultados possuem um nível de precisão teórica de 5.0% com um nível de confiança de 95%¹⁴.

Com relação à estratégia analítica deste relatório, somente se faz uso de técnicas estatísticas descritivas¹⁵. Utilizamos frequências, porcentagens, médias aritméticas, medianas e variações padrão, quando aplicáveis. A partir dessas medidas estatísticas conseguimos realizar uma descrição suficiente das características evidentes e mais importantes da população carcerária.

Finalmente, é importante advertir que a apresentação descritiva dos dados considera, somente em alguns casos, a opção de resposta “não sabe/não respondeu” (NS/NC), devido a suas elevadas frequências em alguns casos. Em outros casos, quando a frequência é baixa (ex.: menor a 2% do total de informes), se prescindiu destas proporções nos quadros e gráficos de frequências.

É também importante advertir o leitor que a NS/NC varia por reativo no questionário. As cifras de totais podem variar de forma mínima entre quadros ou seções ou partes do estudo, segundo as características que se atendem em cada um. ▲

14 Note-se que os intervalos de confiança variarão para cada pergunta.

15 É necessário utilizar os pesos na análise dos resultados. A base de dados apresenta esses pesos.





Universidad Nacional
de Tres de Febrero